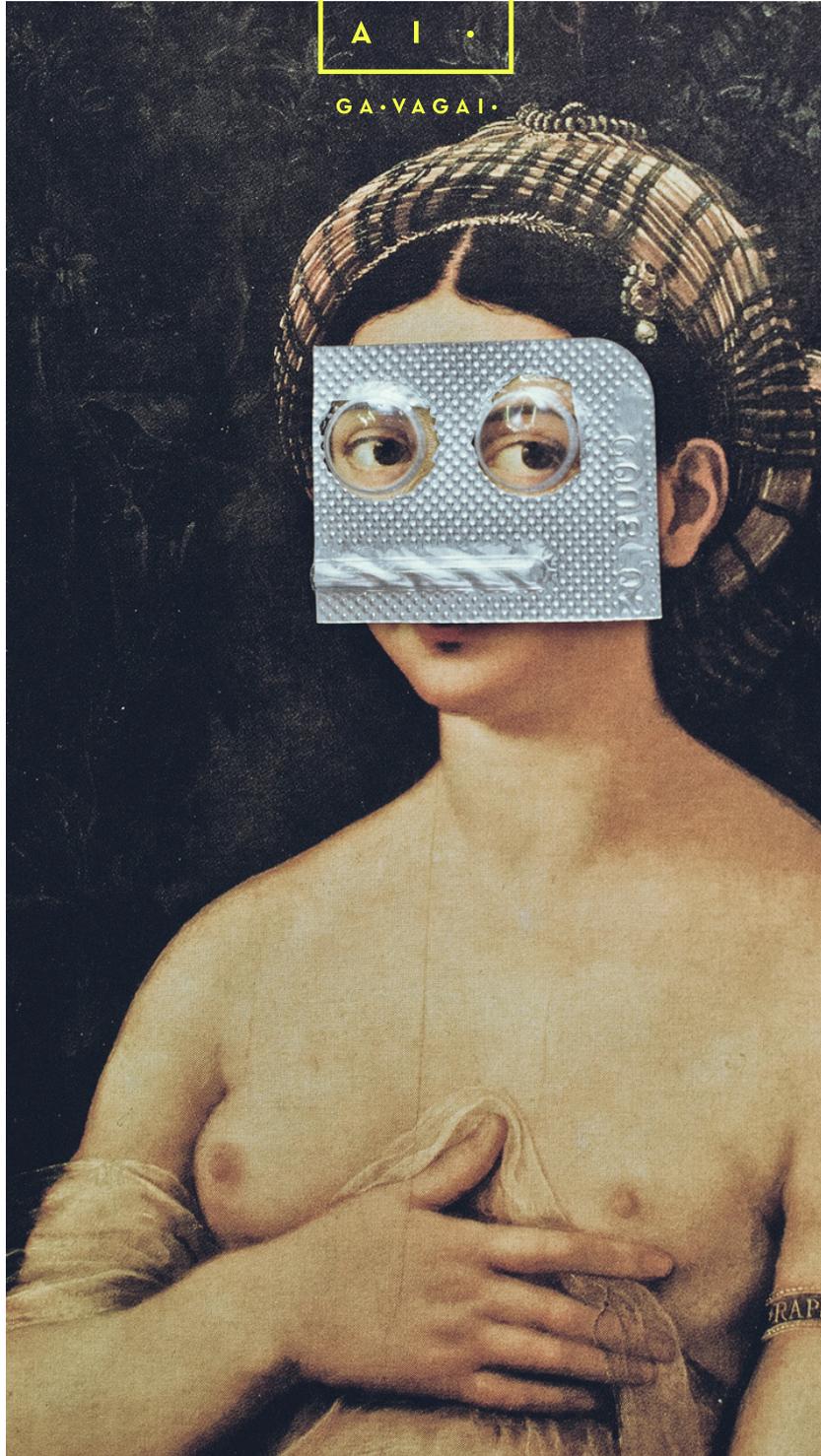


G A •  
V A G  
A I •

GA•VAGAI•





• GAVAGAI •

• REVISTA INTERDISCIPLINAR DE HUMANIDADES •

Grupo de Trabalho do Mestrado de Ciências Humanas  
Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Erechim

Endereço para correspondência / Dirección postal / Mailing address  
Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Erechim  
Gavagai - Revista Interdisciplinar de Humanidades  
Av. Dom João Hoffmann, 313,  
Bairro Fátima, junto ao Seminário Nossa Senhora de Fátima  
Erechim / RS . CEP 99700.000

Fone: (54) 3321-7050  
E-mail: [gavagai@gavagai.com.br](mailto:gavagai@gavagai.com.br)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Gavagai: Revista Interdisciplinar de Humanidades/Universidade  
Federal da Fronteira Sul - Campus Erechim. - Vol. 1, n. 1 (mar./abr.  
2014). - Erechim: [s.n.], 2014.

Semestral

1. Periódico. 2. Interdisciplinar. 3. Ciências Humanas.  
4. Humanidades. I. Universidade Federal da Fronteira Sul.  
II. Título.

CDD: 300









• SUSPIRIA DE PROFUNDIS:  
ARTIFÍCIO, MELANCOLIA E CRIAÇÃO  
EM CHARLES BAUDELAIRE •

*“não sou nada  
nunca serei nada  
não posso querer ser nada  
à parte isso,  
tenho em mim todos os sonhos do mundo.”*

*Fernando Pessoa*

*Resumo:* Este pequeno e modesto ensaio pretende, à luz de elementos oriundos da clássica Teoria dos Humores de Hipócrates e Galeno, alçar uma interpretação dos principais argumentos contidos nos textos de Charles Baudelaire *Paraísos Artificiais* e *Do Vinho* e do *Haxixe* como uma releitura aristotélica do problema do gênio e das potências criadoras, manifesto pela ação da bile negra ou de drogas estimulantes como o haxixe, o ópio e o vinho, bem como refletir sobre sua relação com um projeto e uma visão de homem/humanidade promovidos pela cultura renascentista, retomados e ressignificados pela modernidade através da noção de autonomia da vontade.

*Palavras-chave:* Charles Baudelaire. Teoria dos Humores. Ação Criativa. Modernidade

• CASSIO BRANCALEONE •

## 1 INTRODUÇÃO

Em 1851 Charles Baudelaire publicou no *Messenger d'Assemblé* o poema em prosa intitulado *Do Vinho e do Haxixe*, que uma década depois viria a dar origem ao seu fabuloso ensaio *Paraísos Artificiais*. Nesta obra, o autor pretendeu desenvolver “uma espécie de monografia”, como ele próprio confessa, sobre a ação de substâncias farmacodinâmicas no espírito meditativo e inclinado ao sonho, ou seja, no que considera o *homem sensível moderno*.

Este pequeno e modesto ensaio pretende, à luz de elementos oriundos da clássica Teoria dos Humores, alçar uma interpretação dos argumentos contidos nos textos *Paraísos Artificiais* e *Do Vinho e do Haxixe* como uma releitura aristotélica do problema do gênio e das potências criadoras, manifesto pela ação da bile negra ou de drogas estimulantes como o haxixe, o ópio e o vinho, bem como pontuar sua relação com um projeto e uma visão de homem arquitetados pela cultura renascentista e ressignificados pela modernidade através da noção de *autonomia da vontade*.

## 2 A MEDICINA DOS HUMORES

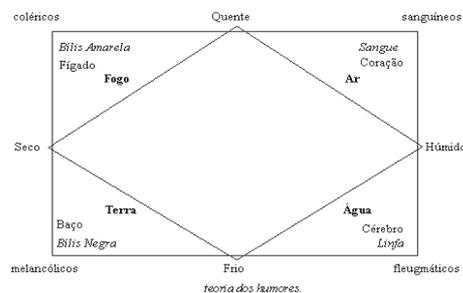
Apesar de seus profundos antecedentes nos primórdios da historiografia helênica, é através da escola hipocrática que o conceito de humor (*khymós*) e toda uma patologia e terapêutica em torno desta noção são elaboradas. Pela ideia de humor, entendia-se uma substância existente no organismo, necessária à manutenção da vida e da saúde. Assim foi constituída a doutrina dos quatro humores, cada qual associado a características fisiológicas específicas. Segundo ela, o *sangue* é armazenado no fígado e levado ao coração, onde se aquece, sendo considerado quente e úmido; a *flegma*, que compreende as secreções mucosas, provém do cérebro e é fria e úmida por natureza; a *bile amarela* é secretada pelo fígado e é quente e seca; e a *bile negra* é produzida no baço e no estômago e é de natureza fria e seca. Os humores estariam também relacionados com cada um dos quatro elementos fundamentais do *Cosmos* para os gregos (água, fogo, ar e terra) e com as quatro estações do ano (DIAS, 2010).

O estado de saúde dependeria da exata proporção e da perfeita mistura dos quatro humores, assim como seu isolamento ou sua miscigenação inadequados causariam as doenças com seu cortejo sintomático. De acordo com a concepção hipocrática da patologia humoral, quando uma pessoa se encontrava enferma, haveria uma tendência natural para a cura: a natureza encontraria meios de corrigir a desarmonia dos humores (*discrasia*), restaurando o estado anterior de equilíbrio (*eucrasia*). O médico poderia auxiliar as forças curativas da natureza, ajudando o doente a eliminar o humor excedente ou alterado.

Galeno, no século II *Depois da Era Comum* (DC), com o prestígio de sua autoridade, revitalizou a doutrina humoral e ressaltou a

importância dos quatro temperamentos, conforme o predomínio de um dos quatro humores: *sanguíneo*, *flegmático*, *colérico* (*cholé*, de bile) e *melancólico* (*melânos*, de negro e *cholé*, de bile).

Quadro 1 - A Teoria dos Humores



Fonte: Baseado em Dias (2010).

A Teoria dos Humores baseia-se, pois, no pressuposto de que determinados estados psíquicos e temperamentais, em seus arranjos esporádicos ou mais permanentes, são gerados e condicionados pela existência de determinados tipos de misturas de líquidos no interior do organismo humano. A predominância de certas misturas implicaria no predomínio de correspondente padrão de personalidade.

Não obstante todos os problemas de ordem científica que são hoje apontados na Teoria dos Humores, tal como sua formulação mais clássica, com posições tanto supressivas quanto adaptativas de seus argumentos centrais, tal conjunto de ideias esteve presente em significativas obras do campo literário, bem como foi das mais diversas formas mobilizada para interpretar textos, comportamentos individuais, fenômenos sociais e contextos históricos.

## 3 CRIAÇÃO E MELANCOLIA EM PARAÍDOS ARTIFICIAIS

“Tua alma é o mundo inteiro.”

*Hino Sagrado Hindu*

O “estado paradisíaco”, o gosto pelo infinito, este estado excepcional do espírito e dos sentidos onde o mundo moral abriria suas vastas perspectivas, e o homem sentiria-se mais artista, mais justo e mais nobre, este é o mote através do qual Baudelaire abre seu livro. Grande contraste é feito deste estado com o estado comum e corrente de espírito, representado pelas trevas da existência cotidiana. O que há de extraordinário nesse estado é que ele aparentemente não foi criado por nenhuma causa visível e fácil de ser definida, sendo quase mesmo uma graça:

Este estado encantador e estranho, onde se equilibram todas as forças, onde a imaginação, ainda que maravilhosamente poderosa, não leva consigo o sentido moral para aventuras perigosas, onde

uma sensibilidade delicada não é mais perturbada por nervos doentios... não tem sintomas prenunciadores [...] Esta acuidade do pensamento, este entusiasmo dos sentidos e do espírito deve ter, em todos os tempos, aparecido ao homem como o primeiro dos bens; eis por que, considerando apenas a volúpia imediata, sem se preocupar em violar as leis de sua constituição, buscou na ciência física, na farmacêutica, nos mais grosseiros líquidos, nos perfumes mais sutis, em todos os climas e em todos os tempos, os meios de escapar mesmo que por algumas horas, à sua morada de lobo e, como disse o autor de *Lazare*: “Tomar o paraíso de um só golpe” [...] (BAUDELAIRE, 2004, p. 12-13)

Sua obra é atravessada pela ideia de que este estado está intimamente ligado às potencialidades imaginativas e criadoras do homem. Baudelaire admite que determinados homens possuem uma propensão maior a este estado do que outros, e que o mesmo pode ser atingido também através de métodos estimulantes e artificiais. Seu interesse está explicitamente voltado para o que considera “o homem sensível moderno”, seja ele o “homem incompreendido” do romantismo ou o “homem original” das massas burguesas, que no fundo nada mais é que o melancólico, pelo menos no sentido que herdamos de Aristóteles. Quando alude ao estado paradisíaco, admite-o com mais profusão nessa espécie de homens, e o que também não deixa de ser interessante, o ingresso artificial nesse estado também é efetuado na maioria dos casos por este mesmo tipo de homem. São os intelectuais e os artistas em sua maioria que fazem uso do haxixe e do ópio, e é o efeito do mesmo nesses homens que guia mais propriamente a análise de Baudelaire<sup>1</sup>. Nesse sentido, aproxima-se da Teoria dos Humores e, apesar de não trabalhar com seus termos, opera com sua lógica.

Aristóteles em *O problema XXX,1* debruça-se exatamente sobre a figura do melancólico. Inicia seu trabalho com uma indagação, apresentando um rol de personagens que se enquadram em seu diagnóstico, dentre os quais Hércules: “Por que razão todos os que foram homens de exceção, no que concerne à filosofia, à poesia ou às artes, são manifestamente melancólicos, e alguns a ponto de serem tomados por males dos quais a bile negra é a origem?” (ARISTÓTELES, 1998, p. 81).

A melancolia como um temperamento é produto de uma certa mistura de líquidos corporais que resulta naquilo que os antigos chamavam por *bile negra*. Para Aristóteles a bile negra poderia se manifestar sob duas formas: primeiro, como esta própria mistura que, predominante em determinado momento da vida de um homem, o torna melancólico (como doença); segundo, como a própria natureza de determinados homens, inclinados permanentemente à melancolia.

Em geral, a melancolia está associada à busca da solidão, a um certo comportamento misantrópico. Mas Aristóteles compreende o melancólico acima de tudo pela inconstância de seu carácter, e a bile negra pela sua potência modeladora do mesmo:

Quanto aos que possuem, em sua natureza, uma tal mistura constituída, eles apresentam espontaneamente caracteres de todos os tipos, cada indivíduo diferindo segundo a mistura. Por exemplo, aqueles nos quais essa mistura se encontra abundante e fria são presas do torpor e da idiotia; aqueles que a tem abundante e quente são ameaçados pela loucura e dotados por natureza, inclinados ao amor, facilmente levados aos impulsos e aos desejos; alguns também são mais falantes que o comum. Mas muitos, pela razão de que o calor se encontra próximo do lugar do pensamento, são tomados pelas doenças da loucura ou do entusiasmo (ARISTÓTELES, 1998, p. 93-95).

Esta possibilidade de transitar pelos estados de humor, quase uma plasticidade temperamental, caracterizada pela inconstância, é o que define para Aristóteles o melancólico. Esta capacidade de percorrer os espaços possíveis entre uma tristeza paralisante e as mais agressivas crises de mania, entusiasmo e loucura, de ser atingido por surtos de desânimo e alegria sem nenhuma razão aparente. No entanto, existe uma gradação média, uma concentração atenuada dessa mistura, em suma, uma *saúde do melancólico*, e é neste ponto do *continuum* que se encontrariam para ele os homens de gênio:

Mas esses nos quais o calor excessivo se detém, no seu impulso, em um estado médio, são certamente melancólicos mas são mais sensatos, e se são menos bizarros, em compensação, em muitos domínios, são superiores aos outros, uns no que concerne à cultura, outros às artes, outros ainda à gestão da cidade (PIGEAUD, 1998, p. 44).

O melancólico, como um polímorfo, permite convergir em si todos os caracteres de todos os homens. É, pois, o homem da circunstância. Por isso mesmo é intemperante, vicioso e impelido à distração. A busca do prazer é a sua forma de acalantar a dor, sendo também por vezes um homem do divertimento, ser de violência, e por fim incompreensível: não tolera a sobriedade calma da vida.

É justamente sua inclinação polimórfica, sua constante inconstância, que o torna propenso à criatividade e à genialidade. Mas aqui é importante entender o sentido da criação para os antigos. Criar é antes de tudo imitar. *Mímeses*, representação e metáfora, eis os termos em que se entende e vive a criação. O artista é um imitador da realidade que existe fora dele. A criatividade é, pois, uma pulsão a ser diferente, a se tornar outro. Ora, para Aristóteles, a arte e a criação são possíveis basicamente para dois tipos de homens: o ser bem dotado, pois se modela, e o louco, pela capacidade de sair de si. Ambos derivam do melancólico, ou melhor, são melancólicos em graus diferentes.

Ainda que em outro nível e sob outras condições, Baudelaire ao

<sup>1</sup> No caso do vinho a situação é diversa, como veremos mais à frente.

tratar do uso de farmacodinâmicos pelo homem de gênio, dirige sua preocupação também para o tema da criação. Compreende tal estado paradisíaco que descreve como a melhor condição de criatividade, e reconhece sua instalação aleatória no espírito humano, sua oscilação tanto entre os variados tipos de homens quanto no interior dos raros espíritos mais propensos ao sonho (BAUDELAIRE, 2004, p. 150), faculdade que em grande medida clama pela solidão. A criação, pois, passa também por certas condições idiossincráticas, e se opera basicamente sob uma lógica muito similar àquela apresentada por Aristóteles: “a alegoria, este gênero tão espiritual [...] é realmente uma das formas primitivas e mais naturais da poesia” (BAUDELAIRE, 2004, p. 52). Os atributos do homem sensível moderno, em suma, são muito próximos dos atributos do melancólico esboçado por Aristóteles.

#### 4 O APRISIONAMENTO DA VONTADE

“Grande milagre, ó Asclépio, é o homem.”

*Hermes Trismegisto*

*Parásitos Artificiais* versa basicamente sobre a depravação do “sentido do infinito”, ocasionado pelos prazeres mórbidos possibilitados pelo uso do haxixe e do ópio, da indução a este estado paradisíaco por meios artificiais.

A primeira parte do livro Baudelaire dedica-se ao estudo do haxixe, o cânhamo indiano (*cannabis indica*), por ele alcunhado como “demônio desordenado”. Esta droga, muito utilizada pelos círculos intelectuais franceses sob a forma de confeitos, produz uma embriaguez onírica, mas guardando toda a tonalidade particular do indivíduo. O mesmo homem é aumentado a uma altíssima potência, sendo, entretanto, governado pelo sonho. É tomado por uma excessiva sensibilidade sem governo que a modere ou explore. O haxixe é um espelho que aumenta o homem, mas um simples espelho.

A embriaguez do haxixe é marcada por três fases (BAUDELAIRE, 2004, p. 25-36): a primeira, que produz alterações fisiológicas visíveis como palidez, lábios contraídos e olhos dilatados, inicia-se com uma certa hilaridade, extravagante e irresistível. Acessos de alegria não motivada e tentativas frenéticas de comicidade jorram continuamente do cérebro. O indivíduo sente-se tomado por uma grande benevolência pelos outros. O segundo momento é marcado por uma sensação de apaziguamento, de frescor nas extremidades do corpo e grande fraqueza em todos os membros. E por fim, uma imensa sensação de sagacidade, de acuidade superior de todos os sentidos, caracterizada por uma forte dose de sensualidade. Os olhos alcançam o infinito, os ouvidos percebem sons inaudíveis. Nas ondas de alucinações, objetos ganham aparências estranhas, deformam-se e se transformam. Mas a alucinação suscitada pelo haxixe é de outra ordem: realiza-se mediante a agudização de

objetos, sons e estímulos sensíveis existentes, sem criação *ex nihilo*. É pois progressiva, involuntária e precisa de um contexto: “o espírito é apenas um espelho onde o meio ambiente se reflete transformado de maneira exagerada” (BAUDELAIRE, 2004, p. 45).

Este grau de prazer onde a serenidade se instala e o indivíduo é levado a admirar a si próprio, a um orgulho desmesurado, a vislumbrar-se como homem-deus, tem o seu preço: é seguida por uma fome voraz e sede excessiva, uma prodigalidade ímpia por gastar fluidos nervosos, onde o corpo é vitimado e a vontade é subjugada: o homem torna-se incapaz de ação. E tanto por muitas horas após a experiência. A exageração dos sentimentos habituais, dada mediante uma concessão de interesses exagerados a todas as coisas, em suma, esta intensidade de interesses torna a inteligência escrava: “uma vivacidade fora do comum penetra, invade e oprime o espírito com seu caráter despótico” (BAUDELAIRE, 2004, p. 36).

Quanto ao ópio, aproveita-se da experiência pessoal de Thomas De Quincey relatada em *Confissões de um comedor de ópio* para tecer suas ponderações (DE QUINCEY, 2007). Daí extrai os elementos para reconstruir e caracterizar os estágios vivenciados por um usuário de ópio. Não considera o ópio um entorpecente para a inteligência. Ao contrário do haxixe, seu efeito sobre o espírito é contínuo durante oito a dez horas, sem produzir inação ou torpor. Ele introduz a ordem suprema e a harmonia das faculdades mentais, tornando o governo de si mais flexível e calmo. Um profundo sentimento de disciplina e uma espécie de saúde divina parecem dominar o espírito. O ópio atua apaziguando o que foi agitado e concentrando o que foi disseminado (BAUDELAIRE, 2004, p. 106). Um comedor de ópio busca mais a solidão e o silêncio como condições aos êxtases e aos devaneios profundos, dado que este aumenta em muito a faculdade de sonhar.

Ao tratar das alucinações, Baudelaire realiza uma verdadeira sociogênese de De Quincey, digna de um Norbert Elias (1994), ao buscar nos dados da infância do gênio, fornecido por seus próprios relatos biográficos, argumentos para interpretar a natureza dos sonhos e visões do comedor de ópio, bem com o sentido da construção de seu ideal artificial (BAUDELAIRE, 2004, p. 146).

No entanto, as torturas do ópio, ainda que tardias, afetam tanto o corpo quanto o espírito do indivíduo, atuando também na alteração do sentido de espaço e tempo. No caso de De Quincey, manifestaram-se através de constantes irritações estomacais por um lado, e de outro, o assombro fantasmagórico de imagens e lembranças de seu passado, ainda que em estado de vigília. Muitos anos depois dos primeiros usos de ópio, esta substância parece ter realizado a ativação profunda da memória inconsciente.

Nesse ponto, muito rico aliás, De Quincey constrói a metáfora da memória como um *palimpsesto*, antigo pergaminho cujo texto

original foi raspado para receber novo texto. Neste caso, nosso cérebro, como um imenso *palimpsesto* criado por Deus, receberia da experiência uma diversa gama de sensações e lembranças que ali ficariam guardadas, mas ao contrário do artefato em questão, estas camadas não seriam apagadas, apenas superpostas. Em ocasiões especiais, como traumas, uso de substâncias psicoativas, ou o próprio momento da morte, tais registros viriam a tona numa profusão fantasmagórica, trágica, épica, aterrorizante ou triunfal (BAUDELAIRE, 2004, p. 163).

Mas há o pior de todos os efeitos: para um comedor de ópio, seu poder de ação e execução não está mais à altura de seu poder de concepção. O ópio, como haxixe, *paralisa a vontade*.

Chegamos finalmente no ponto central dessa questão para Baudelaire. A simulação de condições paradisíacas pelos próprios gênios, através de substâncias farmacodinâmicas, é condenável não porque tais meios sejam artificiais. O problema em Baudelaire não é o artifício em si, mas o uso de um artifício específico, qual seja: aquele que priva e aprisiona a vontade. Admitindo que essas substâncias suscitam ou aumentam o gênio, aqueles que delas fazem uso esquecem que é de sua natureza diminuir a vontade, dando de um lado o que tira de outro, isto é, a imaginação sem a faculdade de dela tirar proveitos: “aquele que puder recorrer a um veneno para pensar, em breve não poderá mais pensar sem veneno” (BAUDELAIRE, 2004, p. 167).

Que a criação é fruto de determinados estado humorais, isto parece certo também para nosso autor. O que é condenável não é a recriação artificial deste estado, e veremos isso quando tratarmos do vinho, mas o uso de artifícios que corroem a inteligência e vontade de seu poder de agir livremente.

Ora, espontaneidade e liberdade, como condições ideais da criação, não eram os elementos do projeto renascentista de homem? Os apontamentos sobre a flexibilidade do *self*, as possibilidades metamórficas do homem em poder ser e se fazer, dependem, pois, da *autonomia de sua vontade*. Em autores renascentistas como Pico Della Mirandola, a construção do homem como obra inacabada da criação, indefinida, é o que lhe dá a condição de camaleão, que se molda segundo as suas disposições, orientado pela razão e liberdade. Argumenta Della Mirandola a respeito desse homem:

Não te fizeste celeste nem terreno, nem mortal nem imortal, a fim de que tu, árbitro e artífice de ti mesmo, te plasmasses e te informasses, na forma que tivesses seguramente escolhido. Poderás degenerar até aos seres que são as bestas, poderás regenerar-te até às realidades superiores que são divinas, por decisão de teu ânimo (DELLA MIRANDOLA, 1989, p. 53).

O homem partilharia, nessa visão, dos atributos de Deus. Teria o poder de ser anjo ou besta, numa escala vertical onde poderia escolher entre a virtude e o vício (GREENE, 1968). Aqui é o tema da *dignidade humana* que Baudelaire resgata, ao primar pela

preservação da autonomia da vontade na sua chave já moderna, quer dizer, a capacidade autoreflexiva e deliberativa do homem para se constituir como um ser para-si, de se autorregular como ente psíquico e indivíduo moral.

## 5 DO VINHO

“A verdade se encontra no vinho e nas crianças.”

*Provérbio de Alcebiades*

É certo que para Baudelaire, o vinho, levando em conta suas peculiaridades, produziria efeitos de certo modo similares aos do haxixe e do ópio no que diz respeito ao desenvolvimento das faculdades artísticas e poéticas nos espíritos melancólicos. A diferença fundamental, entretanto, seria a de que o vinho supostamente não escravizaria e subjugaria a vontade. Pelo contrário, considerava o vinho a bebida do homem de ação.

Ele elencou uma série de características que tornariam o vinho superior, e sua respectiva ação entre espíritos criativos e mesmo medianos. Importante ressaltar ainda é sua posição quanto a apropriação social do vinho, que é antes de mais nada para os que trabalham, para o povo em geral, essa “multidão sem nome cujo sono não basta para adormecer os sofrimentos” (BAUDELAIRE, 2004, p. 190), e não para uma classe de ociosos que cultiva seus prazeres solitários. Estas e outras reflexões encontram-se, de uma forma mais abrangente, no poema em prosa *Do Vinho e do Haxixe*.

Ao vinho cabe a produção de volúpias fulminantes e instilação de encantamentos enervantes nos homens, concedendo uma energia extraordinária, apesar de momentânea, aos sentimentos como o desprezo e a admiração, o amor e o ódio. Os homens embriagados juram-se amizade eterna, dão-se as mãos, vertem lágrimas, levando também a sua parte sensual ao seu apogeu. Do deus misterioso contido nas fibras da videira, o homem retira uma espécie de sua segunda juventude (BAUDELAIRE, 2004, p. 186). O vinho tem

[...] a faculdade de aumentar sobremodo a personalidade do ser pensante e de criar, por assim dizer, uma terceira pessoa, operação mística, onde o homem natural e o vinho, o deus animal e o deus vegetal, desempenham os papéis do Pai e do Filho na Trindade; engendram um Espírito Santo, que é o homem superior e que procede igualmente dos dois (BAUDELAIRE, 2004, p. 196).

Baudelaire não nega que existam bêbados perversos. Estes, entretanto o são porque naturalmente são pessoas perversas. Quando pensa nas coisas ruins que um homem tomado da possessão alcoólica é capaz, argumenta: “o vinho é como o homem: não se saberá nunca até que ponto podemos estimulá-lo ou desprezá-lo, amá-lo ou odiá-lo, nem quantos atos sublimes ou perversidades monstruosas é capaz” (BAUDELAIRE, 2004, p. 186-187). Há uma agudização de vícios sim, mas sua outra face é uma intensificação das virtudes.

Em um determinado momento de seu texto diz que o homem que bebe vinho é o “homem que bebe o gênio” (BAUDELAIRE, 2004, p. 186). Ora, nesse momento vincula-se mais uma vez à uma visão da criatividade e a um pressuposto muito similar ao aristotélico da melancolia.

Vejamos o que pensa o estagirita. Aristóteles considera a bile negra tanto quanto o vinho modeladores de caráter, por uma identidade de natureza (ARISTÓTELES, 1998, p. 87). O ébrio, assim como o melancólico, são dotados da capacidade de projetar-se para fora de si. Por isso, a embriaguez pelo vinho é considerada por Aristóteles como um excesso de melancolia temporária.

Pigeaud (1998, p.25), comentando o filósofo grego, deduz um paradigma do vinho ou da embriaguez, numa curva que vai da eloquência à idiotia. Isto porque o vinho muda gradualmente aqueles que o bebem. Comenta Aristóteles:

Tomado em abundância [o vinho], parece deixar as pessoas totalmente da maneira como descrevemos os melancólicos, e sua absorção produz um grande número de caracteres, por exemplo, os coléricos, os filantropos, os apiedados, os audaciosos [...] porque se ele se apossa de pessoas que são, quando se abstêm de vinho, frios e silenciosos, bebido em uma não muito grande quantidade, ele os faz mais falantes; um pouco mais e ei-los eloquentes e confiantes; se eles continuam, ei-los ousados a empreender; ainda um pouco mais de vinho absorvido os deixa violentos, depois loucos; e uma extrema abundância lhes desfaz, deixando-os idiotizados... (ARISTÓTELES, 1998, p. 83-85).

Sua eficácia física consiste no fato de que o vinho, como o humor da bile negra, *contém vento*. É por isso que as doenças ventosas (perturbações e alucinações) e a hipocondria são associadas à bile negra (ARISTÓTELES, 1998, p. 89), como também podem tomar de assalto aqueles que se embriagam do licor da videira.

É surpreendente como o vinho, para Baudelaire, essa espécie de “bile negra engarrafada”, como ante-sala do desbravamento onírico ou da sociabilidade lúdica, por sua condição e lugar ocupado na modernidade, deixa de ser uma extravagância e monopólio das classes ociosas (ou dos intelectuais e artistas representantes desse extrato social) para possuir o homem comum, literalmente embriagar as massas, potencializando um inesperado processo de “democratização do estado de criatividade”. Eis aqui uma variação de taverna do homem freudiano como *deus de prótese* (FREUD, 1997).

Em síntese, o vinho e a bile negra, enquanto elementos modeladores, podem tornar o homem suscetível de experimentar, a partir da sua subjetividade, o contato com o mundo e a alteridade sob um grande mosaico de percepções e constituir, daí, condições favoráveis para a ação criadora no mundo.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **O homem de gênio e a melancolia**. O problema XXX, 1. Lacerda Editores: Rio de Janeiro, 1998.

BAUDELAIRE, Charles. **Paraísos artificiais**. Porto Alegre: L&PM, 2004

DE QUINCEY, Thomas. **Confissões de um comedor de ópio**. Porto Alegre: LP&M, 2007.

DELLA MIRANDOLA, Giovanni Pico. **Discurso sobre a dignidade do homem**. Lisboa: Edições 70, 1989.

DIAS, Jose Pedro Souza. Até que as Luzes os separem: Hipócrates e Galeno na literatura médico-farmacêutica portuguesa dos séculos XVII e XVIII. In: ANASTÁCIO, Vanda; CASTRO, Ines de Ornellas (Org.). **Revisitar os saberes**. Referências clássicas na cultura portuguesa do Renascimento à Época Moderna. Centro de Estudos Clássicos-FLUL/IELT-Universidade Nova de Lisboa: Lisboa, 2010. p. 77-88.

ELIAS, Norbert. **Mozart: sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

GREENE, Thomas. The flexibility of the *self* in the renaissance literature. In: DENETO, P.; GREENE, T.; NELSON JR., L. **The disciplines of criticism**. Essays in literary theory, interpretation and history. Haven-London: Yale University Press, 1968.

PIGEAUD, Jackie. "Apresentação". In: ARISTÓTELES. **O homem de gênio e a melancolia**. O problema XXX, 1. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1998. p.7-77.

**• SUSPIRIA DE PROFUNDIS:  
INVENTIVENESS, GLOOM AND CREATION  
IN CHARLES BAUDELAIRE •**

*Abstract:* This small and modest essay aims, at the light of features from the classical Theory of Humors, to raise an interpretation of the main arguments contained in the Charles Baudelaire's writings Artificial Paradises and Wine and Hashish as a retelling of the Aristotelian problem of genius and creative powers, manifest by the action of black bile or stimulant drugs like hashish, opium and wine, as well as scoring his relationship with a project and a vision of man devised by Renaissance culture and reinterpreted by modernity through the notion of autonomy of will.

*Keywords:* Charles Baudelaire. Theory of Humors. Creative Action. Modernity

**• SUSPIRIA DE PROFUNDIS:  
ARTIFICIO, MELANCOLÍA Y CREACIÓN  
EN CHARLES BAUDELAIRE •**

*Resumen:* Este pequeño y modesto ensayo tiene por objeto, a la luz de los rasgos de la teoría clásica de los humores, realizar una interpretación de los principales argumentos contenidos en los escritos de Charles Baudelaire Los Paraísos Artificiales y Del Vino y del Hachís como una relectura del problema aristotélico del genio y la capacidad creativa, explicado por la acción de la bilis negra o drogas estimulantes como el hachís, el opio y el vino, así como la calificación de su relación con un proyecto y una visión del hombre promovidos por la cultura del Renacimiento y re-significada por la Modernidad a través de la noción de autonomía de la voluntad.

*Palabras clave:* Charles Baudelaire. Teoría de los Humores. Acción Criativa. Modernidad.